diva: a vida oculta de maria callas

lyndsy spence

Tradução de Luís Santos

DESASSOSSEGO
LIVROS PARA PENSAR

Por obséquio, introduza uma nota humana na sua história.
É que, por vezes, também sou humana.

Maria Callas

Índice

Agradecimentos 11
Nota da Autora 13

1 Deslocamento 15
2 Destino 27
3 Sobrevivência 39
4 Libertação 59
5 Rejeição 71
6 Transição 85
7 Êxito 99
8 Prima-dona 115
9 Metamorfose 133
10 Escândalo 149
11 Submersão 175
12 Em queda 195
13 Desvio 209
14 Consequências 223
15 Pêndulo 243
16 Malevolência 259
17 Cifra 281
18 *Intermezzo* 297
19 Lucidez 309
20 Fábula 325

Epílogo 337
Imagens 347
Notas 365
Bibliografia Selecionada 393

Agradecimentos

Estou grata aos seguintes indivíduos e organizações: Adam A.R.; Aine Lagan; April Ashley; Biblioteca de Livros Raros e Manuscritos de Beinecke; Colin Jones; Biblioteca de Livros Raros e Manuscritos de Columbia; Cosimo Capanni; Daphne Dennis; Dimitris Pyromallis; Dr.ª Brigitte Pantis; Dr. Michael Paroussis; Elizabeth K. Mahon; Floria di Stefano; Graziella Chiarcossi; Joe Oliver; Isabella Giacovazzo; Lainie Reed; Laura Mobley Greenwood; Associação Maria Callas de Antigos Alunos da Escola de Música de Calamata; Mark Beynon; Nadia Pastorcich; Nathan Coy; Biblioteca Pública de Nova Iorque; Nicos Haralabopoulos; Nuri Lidar; Pietro Dall'Aglio; Professor Mario Giacovazzo; Renzo Allegri; Sara Allouche; Serge Mafioly; Arquivo Sonoro da Universidade de Stanford e Vanessa Porras.

Uma nota acerca das imagens: provêm todas das coleções particulares de Cosimo Capanni, Dimitris Pyromallis, Nicos Haralabopoulos, Nuri Lidar, Renzo Allegri e Sara Allouche.

Nota da autora

Depois de uma temporada a transbordar de primas-donas, é evidente que não há ninguém como a nossa Maria. Tens «aquilo», chamemos-lhe «charme», chamemos-lhe «magia», chamemos-lhe «Maria».

Dorle Soria, 1961

Maria Callas foi a maior cantora de ópera do século XX, permanecendo até aos dias de hoje sem rival — *La Divina Assoluta*. Contudo, na sua vida privada, a menos que estivesse a cantar, a sua voz raramente se fazia ouvir. Confessou-se àqueles em quem confiava, não em busca de simpatia — era demasiado orgulhosa —, mas num esforço para se fazer compreender. Ignorando as suas atribulações, eles disseram que Callas era demasiado forte e minaram-lhe o sofrimento. O meu objetivo foi dar voz a Maria, a mulher.

Capítulo 1

Deslocamento

Acometerei os deuses e abalarei o Universo.

Medeia, Eurípides

A história de Maria Callas não começa com o seu nascimento, mas sim na tristeza que o antecedeu. «Tive de me valer a mim mesma», disse ela. «Desde criança que soube que teria de me desenvencilhar sozinha.[1]» Filha de substituição, estava destinada a aliviar o sofrimento da mãe após a morte do filho de 2 anos, Vasily, no verão de 1922. A causa da morte foi ou febre tifoide ou meningite, já que os sintomas de ambas as doenças eram essencialmente iguais: febre e pele irritada. Depois de consultar um astrólogo e o *phatoe* — um dispositivo parecido com uma tábua Ouija —, a mãe acreditou que o nascituro seria a reencarnação de Vasily.

Há quem afirme que o trauma se herda dos antepassados, com as suas experiências a moldar-nos o ADN. À data da conceção de Maria, que foi calculada através de mensagens do mundo dos espíritos, os seus pais, George[2] e Litsa[3] Kalogeropoulos[*], viviam entre as apertadas paredes do apartamento por cima da farmácia dele, incapazes de partilhar a sua dor. Como único farmacêutico na pequena vila de Meligalas, no Peloponeso, a sua vocação proporcionava uma vida confortável à mulher e à filha mais velha, Yacinthy, a par de duas criadas e uma cozinheira. Havia também

[*] Nota sobre os apelidos gregos: será usada a grafia feminina e masculina dos apelidos no seu contexto correto, pelo que essa grafia poderá variar.

um faz-tudo de serviço, Christos, um soldado jovem e bem-parecido que era o criado preferido de Litsa. Passava horas a falar com Christos, exorcizando o arrependimento: «O meu pai foi um general, que Deus o tenha. E eu... eu casei-me com um farmacêutico.»

Litsa estava grávida de cinco meses quando George vendeu a farmácia e comprou três passagens para a América. Furiosa, ela disse que apenas os pobres emigravam, não levando em conta a situação política: durante a troca de populações entre a Grécia e a Turquia, afluíram à Grécia mais de um milhão de refugiados. Além disso, a doença e a morte de Vasily haviam-lhe ficado gravadas na psique, e era do conhecimento geral que os refugiados haviam trazido consigo uma epidemia de doenças virais. Alegaria na altura que a viagem estava relacionada com o caso do marido com a filha do presidente da Câmara, que engravidara. Anos mais tarde escreveria a Maria: «O teu bom pai é um conhecido hipócrita e consegue safar-se bem das coisas. Vou contar-te um grande segredo do teu pai, que tenho guardado para mim estes anos todos[4]».

A 2 de agosto de 1923, a família chegou a Nova Iorque e foi recebida com bandeiras a meia haste e cabeçalhos dos jornais anunciando a morte do presidente Warren G. Harding. Mulher supersticiosa, Litsa rebentou em lágrimas e considerou aquilo um mau presságio[5].

Residiam em Nova Iorque perto de 50.000 gregos, considerados, sobretudo os das classes mais baixas, «uma ameaça ao homem [trabalhador] americano»[6]. Na tentativa de se integrar, George simplificou o apelido para Kalos e, depois de um agente da imigração o ter pronunciado mal, mudou o nome de Yacinthy para Jackie[*]. A sua nova casa era um modesto apartamento no número 87 da Sexta Avenida[7], em Astoria, Queens, e tinham apenas um amigo[**], o Dr. Leonidas Lantzounis, um cirurgião ortopédico que saíra de Meligalas com 15 dólares no bolso. Pouco depois, o otimismo de George foi decaindo, o salário auferido a lecionar grego numa escola secundária revelou-se insuficiente para pagar as contas e em dois meses viram-se sem dinheiro.

Foi nessas circunstâncias que nasceu Maria, a 2 de dezembro de 1923,

[*] Doravante, Yacinthy será chamada de Jackie.

[**] O irmão de George, Demetrios Kalogeropoulos, emigrara para Nova Iorque antes dele. O nome e o endereço, referido simplesmente como «NY», aparecem nos documentos de imigração. Porém, parece que não mantiveram o contacto.

no Flower Fifth Avenue Hospital de Manhattan. Desapontada por o seu bebé ser uma menina, Litsa virou a cabeça para a janela e durante quatro dias recusou-se a olhar para a filha. Pretendera outro rapazinho louro de olhos azuis, e, no seu lugar, fora presenteada com uma filha de cabelo e olhos negros.

Ainda que tivesse tido uma reação parecida, George sugeriu que lhe chamassem Cecilia, mas Litsa recusou e escolheu antes Sophie. Acabaram por concordar em Maria, mas ao longo da infância ela foi chamada de Mary ou Marianna[8].

Além disso, a data de nascimento de Maria é incerta: Litsa afirmou ser o dia 3, George argumentou ser o dia 4, mas Lantzounis, que a levara ao hospital e se tornara padrinho da criança, dizia ser o dia 2. Foi registada como Sophie C. Kalos, com a data de nascimento de 3 de dezembro, mas outros documentos exibem o dia 2[9].

Maria gostava do dia 4, uma vez que era dia de Santa Bárbara, santa padroeira da artilharia — uma profecia apropriada para a sua vida. Ao crescer, Maria ressentia-se das recordações de Litsa e via-as como um sinal de não ter sido querida. Se isso foi intencional ou não permanece um mistério, pois Litsa embelezou as suas memórias do dia com uma tempestade de neve de quebrar recordes, apesar de os registos meteorológicos indiciarem tempo seco mas frio. Nas suas memórias escreveu que, «ouvia a neve a bater contra a janela como a palma de uma mão molhada, e do outro lado da avenida via lençóis de neve branca a varrer Central Park»[10].

O comportamento de Litsa talvez pudesse ser explicado pela dor e, quiçá, por uma depressão pós-parto. Antes de se mudar para Nova Iorque considerara abandonar George e regressar à casa da mãe em Atenas, mas, julgando-se grávida de um rapaz — o maior estatuto possível para uma mãe grega —, esqueceu o plano e ficou com o marido. Na América, porém, estava isolada e solitária, apenas com Jackie, na altura com 7 anos, a servir-lhe de companhia. Assim, a chegada de Maria estilhaçou-lhe as ilusões e exerceu ainda mais tensão sobre a sua saúde mental. «É cruel», disse mais tarde Maria, «fazer com que uma criança se sinta indesejada»[11].

As primeiras memórias de Maria foram de agitação, mudando-se

nove vezes em oito anos[*], para apartamentos mais económicos em bairros de Upper Manhattan, e frequentando idêntico número de escolas primárias[**]. Isso não lhe deu grandes oportunidades para fazer amigos, uma vez que Litsa não via com bons olhos os vizinhos da classe operária e não deixava que as filhas convidassem outros miúdos para o apartamento. O endereço final foi o número 561 da West 180th Street, em Washington Heights. Meio século antes, a zona atraíra nova-iorquinos ricos que ali haviam erguido os seus castelos ao estilo europeu no terreno rochoso. No final da década de 1920 era um subúrbio frondoso com espaços abertos, arquitetura ao estilo medieval e uma grande comunidade grega.

Certas diferenças que haviam sido toleráveis na Grécia eram agora ampliadas em Nova Iorque. Litsa ressentia-se das origens de George enquanto filho de camponeses, sendo alguém que, segundo ela, não tinha ambição. Reclamava com ele pelo emprego como assistente de vendas numa farmácia e pelo seu salário modesto, que mal chegava para as suas despesas. Na sua perspetiva, ela merecia melhor, afirmando-se vinda de uma linhagem aristocrática: o cabelo louro (pintado) seria a prova dessa nobreza.

Era uma fantasista — o pai, Petros Dimitriadis, fora um general do exército em Constantinopla que, depois de ter ficado inválido, arriscara aumentar a pensão jogando, com resultados desastrosos. A casa fora vendida para pagar as dívidas e, em 1913, Litsa e a família haviam-se mudado para uma casa arrendada em Atenas. Os rumores afirmavam que ela apenas se casara com George por estar grávida, sendo a sua verdadeira ambição tornar-se atriz. O seu comportamento, como por exemplo a sua sexualidade exagerada — ou aquilo que Maria designava por «a sua conduta vergonhosa[12]» —, indiciam um desequilíbrio químico.

George, por seu lado, não estava isento de culpas, uma vez que ignorara as dificuldades que sentiria para aprender inglês e o elevado custo de vida. Tinha ciúmes de Litsa, cujo comportamento provocador atraía os olhares masculinos, mesmo que se ficasse por aí, e reagia furiosamente quando ela falava com outro homem. Quando tudo parecia perdido,

[*] 240 West 34th Street; 465 Columbus Avenue; 64 West 135th Street; 520 West 139th Street; 609 West 137th Street; 569 West 192nd Street; 561 West 180th Street.
[**] P.S. 228M; P.S. 9; P.S. 43; P.S. 192 M; P.S. 189; P.S. 164.

Litsa ingeriu veneno e foi encontrada por Maria e Jackie, no chão do apartamento, a vomitar depois de uma lavagem ao estômago[13]. George internou-a numa enfermaria psiquiátrica do Bellevue Hospital, uma instituição pública com 500 camas para os indivíduos mentalmente perturbados da cidade. Recorrendo aos seus contactos, nomeadamente Leonidas Lantzounis, não foi dada parte do incidente à polícia (uma vez que Litsa violara a lei ao tentar o suicídio e teria de enfrentar dois anos de prisão).

Desde tenra idade, Maria teve consciência das cíclicas mudanças de comportamento da mãe — possivelmente com raiz hormonal, «as hormonas formam o nosso carácter», afirmaria ela mais tarde[14] — e de como elas tinham correspondência nas fases da Lua[15]. Todavia, em vez de mostrar compreensão, George não ofereceu qualquer apoio e chamava a Litsa «aquela maluca»[16]. Havia grandes momentos de euforia, que antecediam os estados depressivos de Litsa, em que ela se mostrava imaginativa e brincalhona. Nas suas saídas semanais para comer *chop suey* num restaurante chinês das redondezas, ela fingia que a refeição barata era um banquete requintado e em casa ensinou as meninas a dançar o tango e o *foxtrot*. Apesar disso, Maria sabia que não se podia fiar naqueles breves momentos em que Litsa era «a pessoa mais mágica à face da Terra»[17].

Tal como na cultura grega, o homem era o chefe da família, mas a mulher era a chefe da casa e educava os filhos como bem entendia. Desde que Maria se lembrava, Litsa envenenava-lhe as ideias contra George, lamentando que ele fosse preguiçoso, pobre e pouco ambicioso. Era vaidoso e egocêntrico; pintava o cabelo e o bigode de preto; mentia acerca da idade[18]; e raramente interagia com as filhas. Por vezes fazia perguntas sobre a escola a Maria e a Jackie, mas estas ficavam demasiado embaraçadas para dar seguimento à conversa.

Desde muito cedo que Maria sabia que o pai era um mulherengo, mas não lhe guardava ressentimento, pois também ela procurava o amor e a atenção onde os conseguisse encontrar. Recordava-se do quanto o pai gostava de música grega e de como a punha a tocar na grafonola, só para Litsa entrar de rompante na sala e a desligar, substituindo-a por árias operáticas. Enquanto eles brigavam, Maria procurava em Jackie o conforto e a segurança que nenhum dos pais lhe proporcionava. Jackie, contudo, era igualmente infeliz, e aos 10 anos de idade chegara a contemplar o suicídio.

Litsa pretendia controlar as filhas de todas as formas, como por exemplo insistindo que usassem chapéus, ainda que Jackie, sobretudo, o detestasse, e batendo-lhes quando desobedeciam. As duas raparigas partilhavam uma cama e, se a deixassem por fazer, Litsa pegava-lhes nas roupas e atirava-as para o corredor do apartamento. Se suspeitasse que lhe mentiam punha-lhes pimenta nos lábios; também usara pimenta para impedir Maria, então ainda bebé, de chorar.

George só interveio uma vez, quando Litsa bateu na cabeça de Jackie com um guarda-chuva, e, numa outra ocasião, criticou o seu estilo de maternidade: «tive de dizer várias vezes, "não está certo tratar as filhas desta maneira"[19]». O novo emprego como caixeiro-viajante afastava-o de casa, o que era um alívio bem-vindo das responsabilidades para com a família. Não obstante, Maria idolatrava-o e julgava que partilhavam um laço de vitimização. «Sempre tomei o partido do meu pai», disse. «Fui a sua preferida em criança... ou talvez sempre[20].»

Durante toda a vida, Maria acreditou que Litsa sofria de esquizofrenia não diagnosticada; um segredo que não podia partilhar[21]. Havia laivos de instabilidade na família de Litsa: um dos irmãos suicidara-se aos 21 anos de idade, e a irmã tornara-se freira aos 12, morrendo de cancro cinco anos depois — ambos eram fanáticos religiosos, com apetência para comportamentos exagerados. Por vezes, Litsa alimentava a infelicidade indo à igreja e regressando a casa amargurada pelas famílias abastadas que lá vira. O narcisismo, os altos e baixos e as rápidas mudanças no carácter de Litsa apontavam certamente para uma perturbação de personalidade *borderline*. «Não fazem o bastante pelas doenças mentais nos dias que correm», viria Maria a afirmar. «Tanto esforço com o cancro, mas não gastam dinheiro suficiente para ajudar os doentes mentais[22].»

***

Cinco anos depois de chegar a Nova Iorque, George obteve uma licença para ser farmacêutico. Sem dinheiro para abrir uma farmácia, pediu a Leonidas Lantzounis um empréstimo de 10.000 dólares — que não se esforçou por ressarcir — e abriu a Splendid Pharmacy no número 483 da Nona Avenida com a 37th Street, em Hell's Kitchen. Servindo-se também

do empréstimo de Lantzounis, Litsa levou as filhas à casa dos primos ricos em Tarpon Springs, na Florida, onde permaneceram seis meses. Anos mais tarde, Maria recordou os dias passados a nadar no mar e a brincar com os primos como o período mais feliz da sua infância.

Ao regressar a Nova Iorque, Maria foi atropelada por um automóvel depois de atravessar a rua a correr para saudar a irmã. «Sou acometida por súbitos impulsos de ternura», disse, «e logo a seguir sinto-me envergonhada por eles[23]». Arrastada até ao fundo da rua, escapou com ferimentos menores e um traumatismo craniano. Litsa, porém, afirmou que isso lhe alterara o comportamento: passara a mostrar-se temperamental e encarava a irmã como uma rival, talvez uma sensação inspirada pelo facto de a mãe ter declarado Jackie mais bonita e competente. Para atrair atenções, boas ou más, interrompia as lições de piano de Jackie pondo-se debaixo da pianola e mexendo nos pedais com as mãos. Pouco depois, também ela estava a ter aulas, que George considerou um desperdício de dinheiro.

Quatro meses mais tarde, a economia americana implodiu e George viu-se forçado a encerrar a farmácia. Ao invés de se mostrar compreensiva, Litsa ralhou-lhe por ter perdido o negócio e culpou-o pela totalidade do *crash* de Wall Street. Para conseguir pagar as contas alugaram um quarto a um casal greco-turco, Callespe e Otto Canar, e, humilhada pelas circunstâncias, Litsa afirmava que os inquilinos eram seus criados[24].

Obcecada com a necessidade de melhorar a situação, viu nas filhas a oportunidade de ganhar dinheiro. Nessa época, Maria começou a imitar os discos de ópera que Litsa requisitava na biblioteca. A primeira gravação que ouviu foi *Tosca*, apesar de ela chamar à heroína «uma palhaça... não gosto muito dela[25]». Aprendeu sozinha algumas árias de *Carmen* e aprendeu a pauta de piano e a letra de «La Paloma», tendo a sua voz não treinada atraído uma pequena multidão por baixo da janela aberta. Um vizinho sueco ouviu-a a cantar e ofereceu-se para lhe dar lições de canto gratuitas durante dois meses.

Determinada a transformar Maria numa estrela infantil, Litsa procurou, desesperada, um bom professor de canto, ainda que não o pudesse pagar. «É um grande destino e é aterrador», disse Maria. «Tenho um grande destino à minha frente[26].» Para pagar os 10 dólares de cada aula, Litsa tentou prostituir a filha Jackie junto do senhorio. Jackie, contudo, recusou

e encontrou trabalho como modelo de uma costureira, contribuindo para a economia do lar com o seu salário. Maria prestava atenção aos seus três canários e estudava-lhes as gargantas, imitando o controlo muscular e a frequência.

Então, Litsa considerou um bom presságio quando viu um anúncio no jornal para um concurso de talentos infantis apresentado por Jack Benny para a emissora de rádio WOR. Acompanhada por Jackie ao piano, Maria cantou «La Paloma» e «A Heart That's Free» e venceu o segundo prémio — um relógio Bulova —, com o grande prémio a ir para um acordeonista. Seguiram-se mais atuações na rádio, e, ainda que gostasse das atenções, Maria ressentia-se pelo facto de Litsa a forçar a seguir uma carreira de cantora. Não se lembrava de um brinquedo preferido, nem de brincar como as outras crianças. Em vez disso, ela tinha de memorizar árias e praticar escalas. «Não deve ser dada tal responsabilidade a uma criança», disse mais tarde. «As crianças devem ter uma infância maravilhosa. Eu não a tive. Gostava de a poder ter tido[27].»

Existe uma teoria segundo a qual Maria se candidatou a concursos de talentos com os nomes Anita Duval e Nina Foresti, uma vez que o pai não via com bons olhos que ela cantasse na rádio. Existe uma gravação de 1935 de Foresti na «Major Bowes Amateur Hour», apresentando-se com um sotaque meso-atlântico e cantando «Un bel di», de *Madame Butterfly*. Os jurados avaliaram a atuação com a nota «D» e assinalaram uma «ténue possibilidade para [o] futuro». De acordo com a antiga secretária e amiga de Maria, Nadia Stancioff, ela admitiu ter usado pseudónimos: «Em garota participei numa competição de canto (...) apresentei-me como Anita Duval (...). Depois, mudei para Nina Foresti. Pensei que soava mais como uma cantora de ópera[28]!» Tal contradiz o que Maria disse a outro amigo: «O artigo sobre a *Butterfly* não é verdadeiro — eu sempre me apresentei com o meu nome[29].»

Há provas de que Nina Foresti era o nome artístico de uma jovem cantora ítalo-americana chamada Anita Duval, que indicou o seu endereço como sendo 549 West 144th Street, em Washington Heights. Na candidatura (datada de 11 de março de 1935) à *Major Bowes Amateur Hour*, Foresti escreveu:

> Os meus estudos musicais começaram quando eu tinha quatro anos. Estudei piano [durante] muitos anos, mas como a minha família vivia em circunstâncias muito confortáveis, a minha música não foi levada a sério. Fui mandada para uma escola de boas maneiras, estudei línguas e canto apenas como talentos sociais. Um dia, em 1930, ao regressar de um cruzeiro, deparámo-nos com o desaparecimento das nossas «circunstâncias confortáveis», por isso tenho vindo a dar aulas de piano. Porém, sempre adorei cantar e, portanto, prossegui os meus estudos vocais e tenho cantado em concertos e fiz a minha estreia como Nedda, em *Pagliacci*, mas como amadora. A minha voz é admirada, mas as oportunidades são tão escassas e eu acho aquela esquina — de amadora para profissional — muito difícil de contornar.[30]

Batizada Annette Duval, Duval/Foresti nasceu na Pensilvânia em 1915, numa família abastada que perdeu a fortuna no *crash* de Wall Street. Concluída a escola, cantou na recém-fundada estação de rádio WCDA[31] e em 1928 atuou como Nedda em *Pagliacci*, com a Ópera de Nova Iorque, de acordo com o referido pelo *Easton Lafayette*:

> Na próxima terça-feira à noite, 24 de outubro, a atuação há muito aguardada da Companhia de Ópera de Nova Iorque irá tornar-se uma realidade no palco do Orpheum Theatre (…). *Pagliacci* será apresentada sob a supervisão e direção-geral do Maestro dell-Orefice, antigo professor de Enrico Caruso (...). O papel de Nedda será interpretado por Nina Foresti, talentosa cantora americana.[32]

Depois de aparecer na *Major Bowes Amateur Hour*, retomou o seu emprego no grande armazém Strawbridge & Clothier. O que não deixa de ser interessante é a inclusão de «Un bel di», de Duval/Foresti, nas gravações de Maria para a EMI, e que Duval/Foresti nunca tenha revelado a sua identidade nem tenha procurado corrigir o erro. Dado que a sua carreira operática se desvaneceu em 1935, talvez gostasse de se ver associada a Maria, sabendo que a sua voz seria escutada por milhões de pessoas.

Nessa altura, Maria cantava árias adequadas a cantores consagrados, com muitos a acreditarem que isso terá contribuído para os problemas vocais de que viria mais tarde a padecer. Desvalorizando isso, Maria afirmou ter amadurecido cedo e que isso estava correlacionado com o seu desenvolvimento vocal. «Repare, eu tive a minha primeira menstruação aos dez anos», disse, chocando os que a interrogavam quanto ao seu talento precoce[33].

Em permanente conflito entre a menina e a artista, os anos formativos de Maria foram prejudicados por uma luta interna para aceitar a sua aparência, pesasse embora a voz digna de louvor. Passou por um período de autoaversão: detestava a compleição escura, a acne e a miopia, que a forçava a usar óculos muito graduados. A mãe e a irmã criticavam-lhe o peso, ainda que os registos médicos desacreditem qualquer sugestão de que pudesse ter peso a mais: com 11 anos, ela pesava 54 kg e media 1,60 m. Dois anos mais tarde, a altura foi registada como sendo de 1,70 m, o que talvez a tenha feito ficar complexada por ser tão alta como o pai[34]. Só quando cantava se sentia amada.

***

Por volta do final de 1936, Litsa planeou o regresso à Grécia de modo a Maria poder estudar música no Conservatório de Atenas. Alegou também que o fantasma do pai lhe aparecera, ordenando-lhe que abandonasse George. Mais tarde afirmou ter sido «por amor a Jackie (...), a minha filha estava com saudades do seu país natal[35]». Sem surpresa, George não levantou objeções à sua partida — Jackie viajou primeiro — e caiu de joelhos, benzendo-se: «Por fim, meu Deus, tiveste piedade de mim.» George permaneceu em Nova Iorque, aliviado por se ver separado da mulher e livre das responsabilidades para com as filhas.

Maria ignorava a separação dos pais. Litsa prometeu-lhe que regressariam passado um ano, depois de ela ter concluído os estudos. Não se inscreveu no liceu e nos meses que antecederam a partida trabalhou numa loja de música para poupar dinheiro para a viagem.

A 20 de fevereiro de 1937, Maria e Litsa partiram rumo à Grécia no *SS Saturnia*, com os seus parcos pertences e três canários. Após dois dias

de enjoo, saíram do camarote e Litsa começou a promover os talentos de Maria, contando a toda a gente que ela era uma soprano a caminho de Atenas para dar início a uma carreira promissora. Cantou «La Paloma» e «Ave Maria» no salão da classe turística, o que lhe granjeou um modesto pecúlio em gorjetas.

O capitão, que fazia as suas rondas de inspeção, convidou-a a cantar na capela, no domingo. Maria recusou, mas, em seu lugar, acedeu a atuar numa festa na sala de jantar da primeira classe. Acompanhando-se a si mesma ao piano, envergou um simples vestido azul com gola branca, pó de arroz no rosto para cobrir as borbulhas e, tal como viria a fazer mais tarde, tirou os óculos antes de cantar. Concluindo com *Carmen*, tirou um cravo de um vaso próximo e atirou-o ao capitão, que apanhou a flor e a beijou. Retribuindo o gesto, ofereceu a Maria um ramo de flores e uma boneca, a primeira que ela teve.

A primeira experiência de Maria na Grécia foi o clima temperado e o aroma a flores, a par do delapidado porto de Patras, com os passageiros atarefados a recolherem as bagagens e a dirigirem-se à alfândega. Já era tarde quando se instalaram num hotel barato antes de apanharem o comboio da manhã rumo a Atenas. Nunca vira uma velha carruagem de madeira e não se sentiu incomodada com os assentos desconfortáveis nem com o prato medíocre de borrego demasiado cozido com demasiado molho. Olhando pela janela pareceu ficar hipnotizada com a paisagem primitiva do Peloponeso: a velha fortaleza, os picos do Helmos e as enseadas do mar Jónico.

Nos catorze anos desde que Litsa partira tudo se mantivera na mesma, mas para Maria, uma rapariga nascida na América com calão nova-iorquino e grego macarrónico, tudo havia mudado. Fundara-se uma nova identidade. «Na Grécia», afirmaria, «voltei a ser Maria Kalogeropoulou[36]».

Capítulo 2

Destino

Nunca ninguém admite
que nasceu na pobreza.
Ouve um pedinte,
ele te dirá que
provém da mais nobre linhagem.

Madame Butterfly, Puccini

Maria chegou a Atenas amuada e ansiosa, algo que Jackie atribuiu ao tempo sozinha com a mãe. Era óbvio para ambas que Litsa atravessava um episódio maníaco. Os sinais eram evidentes: o discurso acelerado e o entusiasmo ao apresentar Maria como uma estrela em ascensão e a exigência de que ela cantasse para os familiares crédulos. «Por favor, digam-lhe que pare», rogava-lhes Maria, mesmo sabendo que eram impotentes. Pressentindo a angústia de Maria, a avó, Frosso, abraçou-a e tranquilizou-a.

Ao longo dos anos, Litsa falara dos seus parentes abastados. Contudo, a realidade da situação da avó era evidente para Maria e Jackie. Elas haviam conhecido a pobreza em Nova Iorque, com ricos e pobres por vezes apenas separados por uma rua, e a Grande Depressão, com homens a saltar de janelas e a dormir nas soleiras das portas[37].

Mulher de posses modestas, Frosso vivia com as duas filhas solteiras, cujos parcos salários de funcionárias públicas contribuíam para o lar, juntamente com a pensão do exército do falecido marido. Apesar do seu rendimento limitado, Frosso pagava as visitas noturnas a tabernas, durante as quais Maria consumia grandes porções de *tiropita* (um pastel de queijo) e pão embebido em açúcar e água. Esta apetência por alimentos

feculentos agudizava-lhe o acne e provocou-lhe uma inflamação no rosto, «provavelmente devido a uma qualquer indigestão[38]».

Certa noite, Litsa disse a Maria que cantasse para o seu irmão, Efthimios, que tinha amigos no Conservatório de Atenas. A jovem Maria dirigiu-se ao piano e, acompanhada por Jackie, cantou «La Paloma», com a timidez e os nervos a fazerem com que a voz se mostrasse incerta. Seguiram-se trocas de palavras educadas, interrompidas por Litsa ao pedir aos familiares que pagassem os estudos de Maria. Ainda que embaraçados, eles recusaram e afirmaram que a voz da criança não era nada de especial. Para atenuar a tensão que se estava a formar entre Litsa e os irmãos, Frosso sugeriu que ela regressasse para o marido em Nova Iorque. Os outros aconselharam-na a inscrever Maria no liceu e a esquecer uma carreira na ópera. Seguiu-se uma discussão, e elas saíram da casa de Frosso para quartos numa pensão na rua Ithakis.

Um mês depois mudaram-se para uma casa mobilada em Terma Patission, aí tendo permanecido durante o verão. Porém, os pagamentos mensais de 100 dólares de George cessaram e elas tiveram de sobreviver da caridade de Frosso. Em apuros, encontraram um apartamento barato e por mobilar em Harilaou Trikoupi, desprovido de eletricidade, onde dormiam no chão. Envergonhada com a situação, Litsa avisou as meninas para não contarem a ninguém.

Maria, em particular, sentia a indignidade das circunstâncias. Não havia ninguém em quem pudesse confidenciar; mal falava grego e, isolada com a mãe e a irmã, tinha saudades do pai. «[Litsa] impunha realmente a sua vontade às miúdas», recorda a prima de Maria, Titina Koukoulis. «Com um olhar fazia-as mirrar ao ponto da total submissão[39].» Desvalorizando tais alegações, Litsa escreveu que «Posso acrescentar que as crianças gostam de se sentir abusadas (eu gostei)[40]».

Agora espectadora passiva dos planos de Litsa, em vez de ir para a escola foi dito a Maria que iria cantar. «A minha mãe estava a comandar a família. Portanto, tive de agir de acordo com isso», disse. «Isso para mim não foi um problema, pois não gostava muito de brincar com as crianças[41].» Só olhando para trás ela se ressentiu da decisão da mãe. «Eu só tinha treze anos. O que podia eu ter feito? Protestar? Perante alguém com o temperamento tenaz da minha mãe[42]?»

Não obstante, quando Litsa procurou inscrever Maria no Conservatório de Atenas, «eles riram-se na cara dela (...). O que fariam eles com uma garota de treze anos[43]?» Assim, Maria dirigiu-se ao conservatório, bateu à porta de Loula Mafta e cantou «La Paloma». A voz grave atraiu críticas de um espectador, que observou que «Ela canta como um homem (...), como se tivesse um doce entalado na garganta[44]». A seguir, Mafta disse-lhe: «Este lugar não é para ti. Vai primeiro ter com um professor de iniciação, aprende música, e depois volta, para aprenderes com um professor de canto[45]».

Apesar da rejeição, a vida de Maria ganhara uma aparência de normalidade, passando os dias com a tia-avó e os primos, que a ensinaram a andar de bicicleta. Embora um rito de passagem trivial, para Maria, experiências desse tipo eram inauditas. Por vezes era convidada para chás, mas Litsa insistia em servir de pau de cabeleira e «perdia a cabeça à menor provocação[46]».

Depois de tolerar Litsa durante meses e considerando-a «a vergonha da família», a tia manifestou a sua reprovação, com as visitas a chegarem ao fim[47]. Ainda que Maria tivesse sofrido as consequências, ela tinha outras responsabilidades, e Litsa disse-lhe: «Não te trouxe a este mundo para nada (...), dei-te à luz, portanto terás de me sustentar[48]». Ao recordar Maria do seu dever, Litsa acrescentou: «Pensa um bocado no que está para trás, no que eu passei por tua causa, na bela juventude que eu sacrifiquei[49].»

Determinada a que a voz de Maria fosse ouvida, Litsa levou-a a uma taberna em Perama, popular entre cantores de ópera amadores e caça-talentos. Tendo cantado «A Heart That's Free», recebeu felicitações de Yannis Kambanis, aluno de Maria Trivella, professora no Conservatório Nacional. Semanas mais tarde, Maria cantou «La paloma» para uma Trivella enfeitiçada, que anunciou em seguida: «Mas isto é talento!» Litsa, porém, foi muito franca. «No tocante aos honorários», disse, «por favor, seja clemente e faça-os tão moderados quanto puder[50]».

Trivella, julgando que Maria era «bonita e agradável», e, quiçá, simpatizando com a mãe insistente, aceitou ensiná-la gratuitamente[51]. Maria dirigia-se todos os dias à rua Hoffman para uma lição de canto de uma hora, e ficava para almoçar, já que Trivella sentiu que Litsa tinha dificuldade em pôr comida na mesa.

O reconhecimento do talento de Maria não compensou a tristeza que sentia. Ela virou-se para a comida para suprimir os sentimentos, sobretudo a culpa por ter separado a família. Litsa usara-a como desculpa para abandonar George, e, ao fazê-lo, Maria acreditou ser responsável pela rutura do casamento dos pais. Ansiando pelo pai, imaginou-o infeliz sem ela, mas não havia contacto entre ambos. O censo mostra que ele estava a viver em São Francisco e a trabalhar na farmácia Golden Eagle. Contudo, em 1942 encontrava-se em Washington Heights e a trabalhar como caixeiro-viajante. Não tinha como o contactar: não sabia um endereço, e, além do mais, não havia ligação telefónica entre Atenas e Nova Iorque.

Em poucos meses, Maria engordara consideravelmente e não encontrava compreensão na irmã nem na mãe, que a acusavam de ser gananciosa. Ocultando os sentimentos, ela inventou desculpas para comer em excesso. «De modo a cantar bem é preciso ser-se rechonchudo, empanturrei-me, de manhã e à noite, com massa, chocolate, pão e manteiga, e *zabaglione*. Estava rotunda e rosada, com uma quantidade de borbulhas que me levava à loucura[52].»

O facto era que ela não tinha autodomínio e sentia-se inferior a Jackie, a qual, por seu lado, era encorajada por Litsa a maquilhar-se e vestir roupas elegantes. Preocupada com a aparência, Jackie nunca deixava de se comparar a Maria: a cintura delgada, a pele suave, o cabelo castanho. Como Maria não era fluente em grego, Jackie traduzia os insultos dos transeuntes que, dizia ela, as comparavam ao Bucha e ao Estica.

Com o ressentimento a aumentar, Maria tornou-se agressiva. «Com ela a ficar cada vez mais pesada», recordaria Jackie, «eu já não a conseguia manter à distância e comecei a ceder para evitar que ela me atirasse ao chão[53].» Além disso, ela era frequentemente recordada do seu tamanho («Ganhaste peso», disse Jackie. «Não achas que devias fazer um bocadinho de dieta[54]?») e faziam-na sentir-se pouco atraente e indigna de amor.

Durante esse período, a questão da inscrição no Conservatório Nacional voltou a pôr-se, mas Maria era ainda dois anos demasiado jovem. Trivella e Litsa concordaram em alterar-lhe a idade para 16 anos no formulário de candidatura, apesar do aviso de Efthimios: «Não a pressionem demasiado — ela não passa de uma rapariguinha[55]». Enquanto elas combinavam o futuro de Maria, esta permanecia à parte, invisível.

«Subitamente interroguei-me quanto ao que queria ela ao certo», recordaria Jackie. «O que diabo se passaria dentro dela[56]?» À mãe, Maria disse: «Se eu conseguir obter uma bolsa de estudos, irei continuar a estudar música. Mas, se não a conseguir, vou parar e fazer outra coisa[57].»

A decisão dependia, no entanto, de Manolis Kalomiris, fundador e diretor do conservatório, e de Yorgos Karakantas, diretor da sua escola de ópera. Karakantas, sobretudo, mostrou-se impressionado, encorajando Kalomiris a oferecer-lhe uma bolsa de estudo. Com a sua confiança reforçada, Maria disse que «o facto, portanto, de ter conseguido bolsas de estudo representou para mim a garantia de que os meus pais não estavam iludidos ao acreditarem na minha voz[58].» Era uma afirmação contraditória, uma vez que o pai considerara as lições de canto um desperdício de dinheiro, e o Conservatório Nacional era, em parte, fundado na premissa de dar apoio a artistas de origens modestas, independentemente do seu talento.

***

Durante esse período, Litsa cortou relações com a família, tendo discutido com a mãe e com o irmão acerca de dinheiro. Recairia sobre Jackie a responsabilidade de cuidar delas, e todos os dias Litsa a acompanhava ao escritório da imobiliária do Sr. Polikala, na esperança de que ela conhecesse um homem rico e se tornasse sua amante. Depois de vários dias sentada no átrio, Jackie foi apresentada a Harry e Milton Embirikos, descendentes de uma abastada família de armadores. Seguiu-se um convite para jantar, e a seguir Litsa encorajou Jackie a dar um passeio com Harry sem acompanhante, na esperança de lhe dar a impressão errada. Uma semana mais tarde, Harry convidou-a para o Zonars, um café em Atenas, mas ela deparou-se com Milton à sua espera, um estratagema que fora engendrado pelos irmãos.

Tendo tido sucesso com o plano, Litsa fez um ultimato a Jackie: tornar-se amante de Milton ou morrer à fome, uma vez que elas não tinham dinheiro e arriscavam-se a ser despejadas do apartamento. Em vez disso, Jackie sugeriu que apelassem ao cônsul americano para a repatriação para a América, uma vez que George seria financeiramente responsável por

elas. «Só pensas em ti?», indagaria Litsa. «A Maria tem de ter as aulas e tu és a única que pode ajudar[59].» Assim sendo, Jackie ofereceu-se a Milton, com este, em troca, a pagar a renda do novo apartamento no número 5 da rua Marni e a adquirir um piano para Maria.

Ainda que tivesse beneficiado do combinado, Maria sentiu-se desconfortável. Estava furiosa com Litsa por — segundo ela — ter vendido a virgindade de Jackie para manter um teto sobre as suas cabeças. Perdendo o respeito pela irmã, cujo estatuto já não era o de *parthenos* (uma virgem), Maria gritar-lhe-ia: «Vou chegar ao topo, mas não sei o que tu vais fazer. Agora mesmo andas a vender-te ao Embirikos[60]!»

Apesar de encarar Milton com maus olhos, aceitou o convite para *La traviata* no Teatro Olympia, ficando fascinada com a produção. Isso, porém, não veio mudar nada, e ela não conseguiu aceitar o papel de Milton na ruína da irmã. Também abominava as relações ocasionais de Litsa com homens, sobretudo o caso com o noivo da irmã mais nova.

Ainda assim, Maria manteve um ar de inocência e, quando estudava um libreto, perguntou: «O que significa "honra"[61]?» O diretor riu-se e disse-lhe que perguntasse à mãe. Ela conseguira permanecer inocente, e, anos mais tarde, fingiria que o tópico do sexo estava fora dos limites em casa; fora criada à moda antiga. Era uma mentira, já que Litsa tinha uma obsessão sórdida pela vida sexual das jovens filhas — incluindo Maria que, não obstante a sua juventude, parecia mais velha do que a idade que tinha e cujo aspeto era alvo das atenções de homens debochados.

Dada a atmosfera em casa e a falta de proteção por parte da mãe, Maria ensimesmou-se, negligenciando a aparência e fazendo o possível para permanecer intocada. «Ela nunca verteu a alma comigo em momentos de confidência mútua», recordaria Litsa. «Mas acredito que era franca e honesta sempre que eu lhe perguntava as questões que uma mãe habitualmente pergunta a filhas visivelmente núbeis[62].»

Apesar de Maria se sentir envergonhada com as escolhas de vida da mãe e da irmã, também sentia mágoa por o sexo oposto não a achar atraente. Receava os homens e, no entanto, pretendia servir-se do seu poder feminino: um conflito interior que se manifestava em ciúmes. Os jovens que estudavam no conservatório teciam comentários pouco abonatórios sobre a figura dela, chamando-lhe «uma maleita para a vista (...) na praia, de fato

de banho, era uma visão terrível[63]». Ao dizer-lhe que era feia incutiram-lhe um complexo em relação às suas características marcadas, «maiores do que a vida, como se concebidas expressamente para o palco[64]».

A sua natureza competitiva repelia muita gente, sobretudo a arrogância: estudou arte dramática com Yorgos Karakantas, mas não gostou dos métodos e preferiu aprender sozinha. «Estou habituada a lutar, ainda que não goste de o fazer», afirmaria ela, anos mais tarde. «A minha única arma é a minha voz. Se não tiver a minha arma, será ridículo querer lutar. É suicídio[65].»

Nesse período, Litsa colheu os frutos do romance de Jackie com Milton, com as mulheres a mudarem-se para um apartamento espaçoso no último andar do número 61 da rua Patission. Pela primeira vez, depois de crescer a partilhar uma cama com a irmã, Maria contava com um quarto próprio. Não obstante, Litsa aceitou uma inquilina, Marina Papageoropoulou, cujo jovem sobrinho ficava muitas vezes com ela, pelo que Maria viria a perder o quarto. Sem privacidade, ficou magoada com Litsa, sobretudo quando ela se intrometia nas suas lições e tentava cantar também. «Portanto, vejo-me sempre na defensiva. Será culpa minha[66]?» As discussões eram tema de mexericos na vizinhança: a voz estridente de Litsa ecoava na rua lá em baixo, a par do sotaque cerrado de Maria, que um amigo descreveria como «um travo das ruas de Manhattan, musicalidade italiana, meninice, uma pitada de ressonância de diva, uma forma de aspereza grega[67]».

***

Na primavera de 1938, Maria cantou no concerto anual do conservatório no salão Parnassus, ignorando os pares que a declararam pretensiosa e descaradamente ambiciosa. «Quando se é novo, devem-nos tudo», afirmaria. «Essa é a irreflexão: a vida tem o dever de nos dar todas as hipóteses do mundo. Eu não tinha medo de nada. Estava-me perfeitamente nas tintas[68].» No entanto, Yannis Kambanis viria, mais tarde, a alterar a sua opinião, escrevendo que «Tenho grande orgulho nos teus triunfos, e acredita, isto foi exatamente o que eu antevi há muitos anos e que agora deu frutos[69]».

Confiante nas suas capacidades, Maria pediu a Trivella que a inscrevesse no teste de aptidão. Dos 14 alunos, ela ficou em quinto lugar e recebeu uma menção honrosa, perdendo por pouco o prémio de 500 dracmas atribuído aos quatro primeiros. «Aquilo não era uma voz», observou um membro da audiência, «era uma orquestra inteira!». A seguir, Litsa abordou Trivella e pediu-lhe que desse um diploma a Maria, mas ela recusou, por a voz precisar de ser mais trabalhada.

Longe de se ver encorajada pelos planos de Trivella, Litsa sentiu que ela estava a mover-se demasiado devagar para auxiliar Maria a estabelecer uma carreira. Assim, tomando o assunto entre mãos, contactou a sociedade greco-americana de Atenas e promoveu a filha nascida na América. A 4 de julho, Maria fez a sua estreia pública no Teatro Rex para festejar o Dia da Independência americana, atuando como Marianna Kalogeropoupou.

No mês de abril seguinte, Maria recebeu o papel de Santuzza na produção que o conservatório fez da *Cavalleria rusticana* no Teatro Olympia, alternando com Hilde Woodley, que cantou na primeira atuação. No dia do espetáculo, Maria acordou com dor de dentes: inchada e em sofrimento, receou não ser capaz de cantar. «Tive sempre de pagar todos os meus triunfos imediatamente, sem falhas», disse[70]. No entanto, foi espicaçada pelo ciúme dos colegas de turma, havendo relatos de que terá esbofeteado um indivíduo que lhe criticou o rosto deformado — um exagero, já que ela se arriscaria a ser expulsa do conservatório. «Correu tudo bem», comentaria em relação ao seu primeiro papel principal[71].

Um mês depois cantou no concerto anual do conservatório, fazendo um dueto na *Aida* com Kambanis, de quem não gostava. Quinze anos mais velho, ela sentia-se magoada pela forma como Trivella o favorecia e como ele conquistara o respeito dos colegas e dos professores. Atuou depois num concerto com outros 18 alunos e participou no concerto final do conservatório no Teatro Olympia, ainda que nenhum dos estudantes tivesse qualquer solo. Sentia-se cansada da monotonia e ansiosa por um desafio, mas Trivella avisou-a de que isso lhe danificaria a voz. Apesar de se ter sentido encorajada ao ganhar o primeiro prémio e 500 dracmas nos primeiros dois testes de aptidão, Litsa recordar-lhe-ia que «Isto não foi nenhum triunfo estrepitoso[72]».

Inspirada a abandonar Trivella, Maria disse: «Fico impaciente quando

me pedem que me conforme com padrões de trabalho e comportamentos que sei serem inferiores[73]». Trivella foi descrita por várias pessoas como alguém com meios limitados, cujos alunos gritavam e faziam sons desagradáveis na tentativa de alcançar notas mais agudas.

Para alguém de fora, Maria pareceu ingrata para com Trivella, que também lhe ensinara grego e francês, de modo a manter uma conversa em ambos os idiomas. «Comecei a estudar com uma professora, provavelmente de origem italiana, Maria Trivella», escreveria mais tarde. «Nem um ano depois, porém, tive sucesso nos meus objetivos e segui adiante[74].»

Profundamente magoada, Trivella disse que «Trabalhei com ela não apenas com o cuidado e a experiência de uma professora, mas também com o amor e a devoção de uma mãe[75]».

Para compreender o comportamento de Maria é preciso considerar a força do seu instinto de sobrevivência. «Ela andou sempre atrás de mim», disse Maria acerca da mãe, «até eu não passar de uma maldita máquina de cantar[76]». No dia do primeiro teste de aptidão com Trivella, em 1938, ela engendrara um plano secreto com Litsa, que demorou um ano a ser posto em prática. Soube que Elvira de Hidalgo, uma famosa soprano de *coloratura*, ensinava no Conservatório de Atenas, mesmo afastada dos palcos. No dia a seguir ao teste de aptidão, Litsa apresentou-se a De Hidalgo, dizendo-lhe que Maria poderia beneficiar com os seus ensinamentos.

Contudo, antes ainda de Maria ter cantado uma única nota, De Hidalgo escrutinou-lhe a aparência: a pele malcuidada e os óculos de armação de arame, a bata preta de colarinho branco, as sandálias gastas e um boné branco a cobrir o cabelo entrançado. Tendo cantado «O patria mia» da *Aida*, Hidalgo pensou para consigo que «Temos cantora[77]» e acedeu a dar-lhe lições gratuitas.

Anos mais tarde, De Hidalgo afirmaria que «Ela tinha uma certa expressão nos olhos e um estilo interpretativo, pois não sabia grande coisa de italiano e estava a cantar em italiano. Isso marcou-me. Ela observou-me o tempo todo, com aquela boca, aquela boca enorme, e os olhos dela falaram comigo[78].»

Uma vez que Maria ainda tinha de completar mais um ano antes de obter o diploma do Conservatório Nacional, Litsa aconselhou-a a permanecer com Trivella e a seguir inscrever-se no Conservatório de Atenas.

Assim, depois de concluir as lições diárias com Trivella, Maria frequentava muitas vezes as aulas de De Hidalgo, despertando desconfiança nos alunos, que se mostravam curiosos com a «rapariga gorducha»[79]. A maioria das lições era, no entanto, dada na casa de De Hidalgo, que esta partilhava com o seu antigo aluno e amante, Lakis Vassilakis. Isso estava longe de ser um ambiente ideal para uma rapariga jovem, mas, dado o acordo entre Jackie e Milton, bem como Litsa e os seus amigos masculinos, ela não estava em posição de tecer juízos de valor.

Ao contrário de Trivella, que encorajou Maria a cantar pelo nariz, a técnica da ópera francesa, De Hidalgo estava treinada em *bel canto*. «O *bel canto* não é um canto bonito, é uma espécie de camisa de forças que é suposto vestirmos», explicaria Maria. «Temos de aprender exatamente como formar frases, aprender música, que é essencial, bom gosto, que é essencial. Fundado no século XVIII, ele exige controlo perfeito da respiração e ornamentos vocais — trinados, intervalos, escalas, transições, *legati* —, uma linguagem completa e vastíssima em si mesma[80].»

Antes do exame no Conservatório de Atenas, em setembro de 1939, Maria jantou com Trivella, que ainda desconhecia o logro. Se fracassasse, jurou a si própria que regressaria a Trivella e ao Conservatório Nacional. «Ela faz as suas próprias regras», disse mais tarde Litsa, «e cria as suas próprias desculpas para tudo o que faz[81]».

No entanto, antes da audição com o diretor, Philoktitis Oikonomidis, eles quiseram saber os seus motivos e reprovaram a substituição de Trivella que, mesmo não sendo grande professora, gozava, ainda assim, do respeito dos outros. Sentada diante de Oikonomidis e de um painel de professores, Maria roeu as unhas com nervosismo e aguardou que o seu nome fosse chamado. Cantou «Ocean! Thou mighty monster», com a voz a fascinar De Hidalgo, e depois voltou a morder as unhas enquanto os examinadores debatiam a sua atuação. Não obstante os sentimentos pessoais, atribuíram-lhe a bolsa de estudo. A jogada dera frutos.

Maria não conseguiu dar conta da duplicidade das suas ações. Muitos dos alunos e colegas de De Hidalgo acharam aquilo jogo sujo, com a trama a chegar aos ouvidos de Trivella. «A minha única arma — uma arma muito poderosa e justa — consiste em estar sempre preparada», disse Maria. «Eles dizem que eu ganho sempre. Eis os meus meios: trabalho

e preparação. Se consideram estes meios agrestes, então não sei o que dizer[82].»

Trivella, recusando-se a ser tratada como prémio de consolação, sofreu profundamente com a traição de Maria. «Ficarei eternamente grata a Trivella pelo que ela fez por Maria», escreveria Litsa uma década mais tarde. Quanto a Maria, ela raramente deu créditos à sua primeira professora, atribuindo-os, em vez disso, a De Hidalgo, que teria descoberto o seu talento. «Enquanto jovem rapariga», disse, «ou seja, aos 13 anos, eu fui-lhe lançada nos braços[83]». Não obstante, deu uma prenda de despedida a Trivella — ainda que o significado do gesto não fosse compreendido na altura. Era uma foto autografada, anotada em inglês: «Para a minha querida professora, a quem eu devo tudo.»